

Instituto Socioambiental

fonte: O Estado do Paraná

class.: GIR 1109

data: 28/10/94

pg.: _____

Índios e posseiros sob ameaça de luta armada

Disputa por terra põe em conflito colonos e índios de reserva no Norte Pioneiro

de Benedito Francisquini

Tomazina (Sucursal de Santo Antônio da Platina) - Uma disputa que se arrasta há quase dez anos ameaça colocar em confronto famílias de posseiros que há 43 anos ocupam terras pertencentes à União e índios da reserva guarani de Pinhalzinho, município de Tomazina, no Norte Pioneiro. A Funai quer que os posseiros deixem a área, mas os colonos dizem que só saem das terras depois que forem indenizados pelo governo ou que lhes seja dado outra terra da mesma qualidade e quantidade das atuais que ocupam.

O caso está na Justiça Federal, mas ninguém acredita num desfecho rápido para o caso. O clima de inquietação é grande entre índios e posseiros e há ameaça de um confronto com o acirramento da disputa. São quatro famílias, todas parentes entre si e que ocupam 197 hectares dos 590 hectares de áreas pertencente à União. Faustino Gomes, ou "Neio Serrano", como é mais conhecido, ocupa a maior área, totalizando 96 hectares, conforme informações da Funai.

Faustino não se conforma com a possibilidade de ter que sair da área. Ele diz que veio para Tomazina há exatamente 43 anos, fixando-se com a família numa área ao que consta, pertencia ao governo federal. Ele conta que durante esses anos nunca foi molestado por ninguém. Segundo ele, a fazenda de 590 hectares foi explorada nas décadas de 50 e 60 por uma companhia estatal de fomento agropecuário, que produzia no local sementes de milho, arroz e feijão. O colono diz que nesta época respeitaram sua área. Desenvolviam atividades na área que sobrava no lote.

"O posseiro afirma que, "por falta de conhecimento" não conseguiu regularizar a posse do lote, nem seus parentes de outras áreas ocupadas. Em 85, conta, a fazenda foi demarcada e passou a ser administrada pela Funai que ins-



Faustino Gomes com a mulher: "Querem me transformar em sem-terra. Cheguei aqui antes dos índios".

talou ali uma reserva indígena. "Dessa época para cá começamos a enfrentar problemas. Trouxeram para cá famílias de índios de Mato Grosso e São Paulo. Uns ficavam pouco tempo e depois iam embora. Teve época que não ficou uma família sequer. Meu lote começou a ser invadido. Construíram casas na minha área. Foi então que resolvemos ingressar na Justiça para termos nossos direitos respeitados", conta.

Na luta para manter-se na terra, Faustino vem coletando documentos. Uma declaração da Prefeitura de Tomazina atesta que o colono está há mais de 40 anos no lote. Ele apresenta talões de nota fiscal de produtor para provar que entrega a produção da área, além de possuir cadastro na Receita Estadual e no Incra, com matrícula número 717.126.022.756.

Faustino Gomes afirma que seus problemas aumentaram desde que assumiu a nova administradora da Funai na reserva, a professora Helena Martins Lopes. Ele acusa a funcionária de incitar os índios contra os posseiros. Ele afirma que Helena arma confusões, envolvendo caciques de outras reservas na questão. Ele conta que a administradora chegou a realizar abaixo-assinado entre os

caciques de cinco reservas do Paraná no qual estes dão um ultimato para a saída das famílias em 20 dias, sob ameaça de uso da força caso não fossem atendidos. Faustino afirma que a ameaça só não se consumou porque três dos caciques teriam ido a sua casa e tomado ciência dos fatos.

Faustino Gomes afirma que aguarda uma posição da Justiça para tomar uma decisão. Ele diz que sai da reserva se for derrotado na ação que corre na Justiça Federal, ou deixa a área se receber indenização justa ou receber lote de terras suficientes para sustentar sua família. O produtor alega que na última safra vendeu 2 mil sacas de milho, 200 sacas de feijão, 40 sacas de arroz, 3 mil quilos de alho e produção diária de 140 litros de leite em média. "Nas terras exploradas pelos índios, quase 200 alqueires, eles plantam menos de 3 alqueires", diz em tom de crítica. "Querem me tirar daqui e me transformar em sem-terra. Não invadi terra de ninguém. Quando os índios chegaram eu já estava aqui", desabafa.

Solução negociada

O conflito da reserva indígena de Pinhalzinho acabou envolvendo também o Incra, que quer uma solução negociada para o

impasse. Tem-se pela possibilidade de confronto. A administradora da reserva, Helena Martins Lopes, nega as acusações de Faustino e diz que quem causa problemas é o posseiro. Helena afirma que não tem nada pessoal contra ele e que apenas cumpre o que determina a lei. "Essas terras pertencem aos índios. É área da União onde não cabe usucapião. Ele precisa sair e o que buscamos é uma saída que seja positiva para todas as partes", pondera.

Os ocupantes da reserva são índios Guarani, que têm natureza nômade. Eles vivem mudando de reserva e a Funai respeita esta característica cultural.

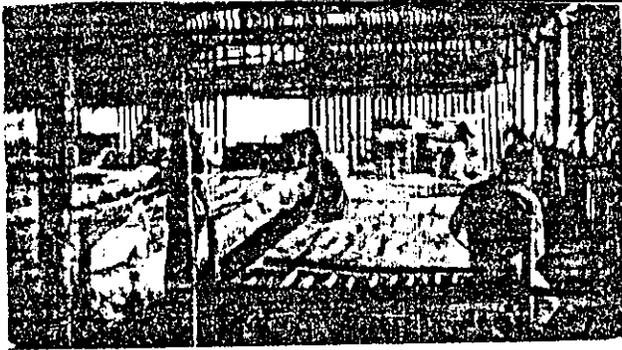
Na reserva de Pinhalzinho eles criam gado leiteiro, plantam milho e feijão e criam bicho-da-seda. Sobre a insinuação de que os índios plantam apenas 3 alqueires da área da reserva, Helena ironiza respondendo: "E aí, qual o problema se eles plantam 3 alqueires? A terra é deles e eles têm suas características culturais que precisam ser respeitadas". A administradora se diz ameaçada pelo posseiro, que teria dito a um índio que daria um tiro nela.

O cacique Euclides Ribeiro é o que demonstra mais amargura com a situação. Ele diz que ainda não ocorreram confrontos graves

Instituto Socioambiental

fonte: _____ class.: 1109 (cont.)

data: _____ pg.: _____



Os índios iniciam a colheita de casulo do bicho-da-seda e aguardam retomada de área ocupada.



O cacique Euclides Ribeiro diz que os índios perdem a paciência e alerta sobre risco de confronto

por pura sorte e diz com firmeza que a paciência dos índios está se esgotando. "Vamos esperar a reunião com o Inera para ver se há uma solução. Se isso não ocorrer, vamos reunir os índios para tomar uma decisão", diz, não descartando a possibilidade da violência. O cacique afirma que não se preocupa com a possibilidade de confronto, alegando que seu povo luta pelo que pertence à tribo.

Equivoco

O administrador da regional da Funai de Londrina, Vladimir Antônio da Silva, esclareceu na tarde de quarta-feira que o posseiro Faustino Gomes comete equívoco ao dizer que chegou antes dos índios à localidade onde foi demarcada a reserva. Segundo ele, as terras foram doadas à União em 1906, visando a instalação de uma reserva indígena. Documentos de posse da Funai atestariam a presença de índios na área na década de 20, trinta anos antes da chegada dos posseiros. Vladimir informa que os guaranis têm a posse da área, mas não tem o domínio, que pertence à União.

O administrador diz que a Funai e o Inera buscam uma solução que agrade a todas as partes envolvidas. Segundo ele, o Inera busca área para assentar os posseiros, atendendo ao que reivindicam. Uma das soluções para agradar Faustino Gomes é o desmembramento de lotes para cada filho adulto de forma a permitir que obtenham área semelhante à ocupada atualmente. "O que queremos é uma solução e esperamos que o caso seja resolvido antes de uma decisão judicial", assinala.